

Representações de homoafetividade não-correspondida no Século XX

Non-mutual homoafetivity representations in the 20th Century

Yasmine Sthéfane Louro da Silva¹
Margareth Torres de Alencar Costa²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as representações de relações homoafetivas em *O Jovem Törless* (1906), de Robert Musil, *Demian* (1919), de Herman Hesse e *Retorno a Brideshead* (1945), de Evelyn Waugh, como o estabelecimento de um relacionamento de confiança e confidência entre homens, sem necessariamente culminar em relações sexuais. Aponta-se que as obras apresentam representações de homoafetividade características de um período conservador e retrógrado, mas que cada uma delas possui um nível de intensidade para com o erotismo inserido no texto.

Palavras-chave: Homoerotismo. Herman Hesse. Robert Musil. Evelyn Waugh. Semiótica.

Abstract: The present research has as main objective to analyze the homoafetivity relationships presented in *The Young Torlëss* (1906), by Robert Musil, *Demian* (1919), by Herman Hesse, and *Return to Brideshead* (1945), by Evelyn Waugh, as an establishment of a trust and confidence relationship between men, not necessarily involving sexual intercourse. It is pointed that the works presented representations of a specific homoafetivity of a retrograde and conservative era, but each one of them having a level of intensity and eroticism insigheted in the text.

Keywords: Homoeroticism. Herman Hesse. Robert Musil. Evelyn Waugh. Semiotics.

¹ Doutoranda na PPGEL/UFPI. Professora da Rede Estadual. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas da UEMASUL, O GEPLALA, e o Grupo de Estudos em História e Literatura da PUC-Minas, o GEHISLIT. Email: yasminelouro@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4951-3339>.

² Doutora. Professora na PPGEL/UFPI. Integra o GT ANPOLL – RELAÇÕES LITERÁRIAS INTERAMERICANAS: Filiações e afiliações - elaborações discursivas e imagéticas dos legados familiares, étnicos e nacionais e membro do Projeto Ubacity coordenado pela doutora Susana Beatriz Cella- UBA. Email: margarethtorres@cchl.uespi.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3524-9503>.

*Artigo recebido em 29 de junho de 2024 e aceito para publicação em 29 de setembro de 2024.



Introdução

Em um entrelugar de pertencimento no cânone, as obras escolhidas aqui figuram entre listas de livros de grande importância para a literatura mundial, mas, contrariando as expectativas heteronormativas que vigoravam na Europa naquela época, visto que foram publicadas na primeira metade do século XX, apresentam em seu enredo um relacionamento homoafetivo entre os seus protagonistas, com os mais variados níveis de intensidade e demonstração de afeto. A mais subversiva das três obras, *O Jovem Törless* (1906), é caracterizada pelo inesperado sadismo de seu protagonista, que tortura e escraviza um jovem que representa todos os seus desejos mais íntimos, o afeminado Basini. O final em que Törless nega o seu relacionamento com Basini e decide justificá-lo como uma falha momentânea de caráter, após testemunharmos todo o percurso do seu relacionamento e as inúmeras formas com que manipulou Basini para obter dele o que queria, muitas vezes mais do que apenas genuína satisfação sexual, é frustrante. Mas cada uma delas apresenta uma narrativa subversiva à sua maneira, variando o nível de abstração das declarações de amor entre os seus protagonistas.

Existe entre esses homens um desejo homoerótico latente. Às vezes, de maneira extremamente explícita, gráfica e violenta; em outro momento, mais codificadas, um intrincado pluralismo de referências que apenas o outro entenderá, que apenas o seu amado saberá responder. Em *Demian* (1919), o amor compartilhado entre homens é equiparado a uma seita, uma religião com um deus individualista e possessivo. Demian não é apenas um guia, ele também é a religião por si mesma. Os seus ensinamentos são as suas experiências; o seu amor é uma dádiva. Ao se apaixonar pela representação feminina de Demian, que é a sua mãe, Eva, Sinclair, de certa maneira, desenvolve um complexo de Édipo, que só é curado com o beijo de Demian ao final da narrativa. Sinclair, desde o início, sempre amou Demian, e apenas encontrou na sua mãe a possibilidade de ter um relacionamento real, “normal”. Independentemente de sua idade, era uma mulher. Em *Retorno a Brideshead* (1945) acontece algo parecido, mas, ao invés de ser uma mãe, o laço familiar é outro.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as representações de relações homoafetivas em *O Jovem Törless* (1906), de Robert Musil, *Demian* (1919), de Herman Hesse e *Retorno a Brideshead* (1945), de Evelyn Waugh, bem como o estabelecimento de um relacionamento de confiança e confidência entre homens, sem necessariamente culminar em relações sexuais. Em *O Jovem Törless* (1906), é claro, há descrições gráficas de relações sexuais



entre os personagens, mas consideramos como uma obra transgressora e pioneira no seu comprometimento com a discussão sobre essas experiências inerentes à subjetividade masculina, que depende de uma justificativa tênue sobre as suas próprias dúvidas e tabus sobre a questão da homossexualidade. A relação sexual entre homens é considerada, até os dias de hoje, um tabu para a nossa sociedade de mente tacanha, e é ainda mais problematizada e invisibilizada por se tratar das experiências de adolescentes, que são figuras odiadas pelo seu entrelugar na nossa sociedade que, em muitos sentidos, têm a sua sexualidade censurada, contida e podada por uma sociedade que não está apta para discutir assuntos cinzentos que são intrínsecos às vivências dessas pessoas.

A metodologia será embasada na Teoria Semiótica Greimasiana, de linha francesa, a partir dos apontamentos de Barros (2005). Serão selecionados trechos para análise em que são estabelecidos relacionamentos homoafetivos entre dois personagens masculinos, por meio de signos e símbolos que representem esses sentimentos característicos do desejo homoerótico não consumado, conforme definido por Souza (2020). Para Fiorin (2005, p. 58), “o signo é a união de um conceito com uma imagem acústica, que não é o som material, físico, mas a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra”. Logo, quando nos referimos a um signo, também nos referimos ao seu significado intrínseco, aquilo pelo qual é conhecido e definido, apoiados nas teorias do inconsciente coletivo e do poder simbólico que um dos dois detém, que implica na submissão do outro por alguma razão, seja pela diferença gritante de contexto social, seja pelo forte caráter que se posiciona, às vezes, como intransigente.

Para isso, dividimos o artigo em duas seções: na primeira, *O desejo homoerótico: definições e conceitos*, em que faremos uma breve recapitulação sobre as teorias relativas à subjetividade masculina e o desejo homoerótico, de que modo a masculinidade trata o desejo homoerótico como um tabu social intransponível e problemático; na segunda seção, *Representações de homoafetividade não-correspondida na literatura moderna do início do século XX (1901-1945)*, analisaremos as obras selecionadas pela perspectiva psicológica, particularmente no que concerne o desejo homoerótico nas relações homoafetivas de cada um dos três pares de protagonistas.

Logo, daremos prosseguimento à exposição da fundamentação teórica sobre o desejo homoerótico pelo viés da subjetividade masculina na próxima seção.



O desejo homoerótico: definições e conceitos

A subjetividade masculina teve a sua particularidade negada ao longo de inúmeras décadas, principalmente, em razão da negligência dos homens em se considerarem dignos de análise psicanalítica. Neuróticos obsessivos, os homens naturalizaram muito dos seus comportamentos tóxicos sob o argumento de que eram incompreendidos em seu instinto naturalmente machista, a partir da perspectiva de que, sim, seriam pais de família e protetores dos alicerces da estrutura hierárquica de uma família heteronormativa. Para Gomes, Balestro e Rosa (2016, p. 19), “o conceito de gênero, enquanto categoria sociológica consiste na maneira em que as diferenças entre homens e mulheres são inseridas nas mais diversas sociedades ao longo do processo histórico”, ou seja, a diferença entre homens e mulheres não está em uma constituição biológica, mas, sim, a partir dos conhecidos papéis de gênero designados a cada um deles por conta de uma escolha arbitrária dependente de seu sexo.

Conforme Silva e Prioste (2021, p. 2), “a sexualidade masculina e as particularidades das masculinidades engendradas em diferentes contextos sociais foram em certa medida negligenciados em decorrência, principalmente, do mito de menor complexidade”. Os homens sempre foram considerados menos complexos; mais racionais do que emocionais, inacessíveis em suas emoções, incompreendidos em suas angústias silenciosas. As mulheres, como contraponto, são consideradas complexas em razão da sua facilidade em demonstrar sentimentos, em albergar o seu enorme carinho em ações individuais e sectárias, divididas em níveis de intensidade por conta da familiaridade ou falta dela. Os homens sofrem em silêncio e se orgulham da coragem da sua covardia.

Ainda de acordo com os autores, o interesse sobre o tema da constituição das subjetividades masculinas também está vinculado ao que tem sido denominado ‘masculinidade tóxica’. Saulos (2007) define o termo “masculinidade tóxica” como um “conjunto de normas, crenças e comportamentos associados à masculinidade e que são prejudiciais às mulheres, homens, crianças e à sociedade em geral” (Silva; Prioste, 2021, p. 3) Logo, pode-se compreender que a masculinidade tóxica possibilita um caminho para a homofobia internalizada, em que os homens entram em uma neurose obsessiva, acreditando ser bombardeado por estímulos homoeróticos na mídia consumida diariamente, quando, na verdade, são apenas representações de relacionamentos homoafetivos que sempre existiram e sempre existirão, pois os homens são constituídos dessa vontade, característica e inerente da



sua paixão por si mesmos: apenas um homem é capaz de despertar em outro a admiração genuína e abnegada própria de um sentimento de respeito mútuo. Outra mulher não é considerada merecedora de tal dedicação, por parte de um homem, é claro. É relevante salientar o caráter excludente dessa troca de afetos entre homens. Mulheres não são permitidas nos ambientes dominados pela masculinidade.

Sendo assim, para Souza (2020, p. 16) “o desejo homoerótico é tomado como uma especificidade do que chamamos de literatura homoerótica, enquanto a identidade gay, seja ela assimilada por meio da heteronormatividade ou rejeitada pela teoria queer, é o que caracterizaria o que chamamos de uma literatura gay”. O nosso interesse aqui não é elencar nenhum dos livros como *literatura gay*, considerando que não abordam nenhum aspecto da identidade gay de fato e nenhum dos seus autores se assumiu como gay em vida. Por mais óbvio que tais afirmações possam soar, não queremos determinar que as obras analisadas na próxima seção, de alguma forma, fomentam uma discussão pró-LGBTQIA+, tendo em vista que os seus autores pretendiam incluir não um debate sobre identidade de gênero, mas outras questões complexas que acontecem no interior da subjetividade masculina, como o desejo homoerótico ou uma expressão significativa de homoafetividade entre homens héteros; ou que não necessariamente sejam héteros, porém, que mantenham uma persona hétero na esfera pública para preservar os seus privilégios enquanto homens brancos, burgueses ou aristocratas.

Levaremos em consideração o apontamento de Souza (2020, p. 21), no qual o autor indica que “pretendemos pensar em um conceito de homotextualidade desvinculado de uma identidade gay e fundamentado na potencialização do desejo homoerótico, em detrimento portanto de questões biográficas”. Logo, pode-se deduzir que não nos interessa minimamente referencialidades autobiográficas na obra. Não contemplaremos tal análise. Dedicaremos a próxima seção para discutir as obras pela perspectiva semiótica, conforme se lê a seguir.

Representações de homoafetividade não-correspondida na literatura moderna do início do século XX (1901-1945)

Selecionamos obras que consideramos compor uma tradição de romances de formação interessados em explorar os desdobramentos próprios da subjetividade masculina nessa idade peculiar que é a adolescência e o início da fase adulta, divididas em três fases específicas, de caráter temático:



na primeira fase, a da homofobia internalizada, na qual o homem prefere mentir para si mesmo do que admitir que está verdadeiramente atraído por outro homem. Preferencialmente, o outro homem deve ter características femininas que auxiliem o homofóbico em sua neurose obsessiva, de modo a se prestar ao papel de “fêmea” no relacionamento ou qualquer coisa próxima de um ideal de feminilidade que o neurótico utilize como parâmetro para avaliar as pessoas que o rodeiam e dividi-las de acordo com a sua socialização heteronormativa, como veremos a seguir.

Törless e Basini: homofobia internalizada e violência

O relacionamento polêmico e conturbado de Törless e Basini começou de uma forma excêntrica. É de suma importância destacar que Törless é um indivíduo perturbador e um sádico notório. O seu relacionamento com Basini não é saudável, e muito do que aconteceu entre eles surge exatamente das fantasias degeneradas e problemáticas que Törless alimenta na escuridão de sua mente, principalmente porque ele se sente irrevogavelmente atraído por Basini.

Quando Törless se dá conta de que está cativado por Basini, um pensamento estranho e complexo surge em sua mente para descrever o que está consumindo: “Dizem que é assim quando vemos pela primeira vez a *mulher que nos enredará numa paixão devastadora*” (Musil, 2019, p. 46). Associar a um menino afeminado um signo feminino (afinal, utilizar a palavra *mulher* junto com a palavra *paixão* é o máximo de feminilização possível em uma oração) é um sinal da tentativa do rapaz de dissociar a imagem do desejo que o corroía, que correspondia perfeitamente a tudo o que Basini era e fazia. Afinal, ser um homem é uma parte fundamental da sua identidade.

Em outro momento Basini é associado mais uma vez com signos considerados femininos: “Todos os outros rapazes aborreceram-se com os seus afetados *olhos meigos*; ridicularizavam a sua maneira de projetar o quadril ao parar, brincando lentamente com os dedos quando falava; diziam que isso era coisa de *mulheres*” (Musil, 2019, p. 12). Logo, podemos deduzir que Basini tem um comportamento mais delicado e é tachado de afeminado como uma forma de destituí-lo do poder simbólico da masculinidade. Se a sua masculinidade fosse sempre rechaçada e neutralizada, em razão de um comportamento supostamente feminino, então ele não teria forças para resistir quando fosse atacado por verdadeiros homens viris, que o ensinariam a não ser mais uma vergonha para a masculinidade. São esses mesmos



modelos exemplares da masculinidade, entretanto, que decidem escravizar Basini após o garoto contrair algumas dívidas com outros dos garotos do internato, onde o enredo é ambientado.

Sendo assim, é com Basini que Törless coloca em prática algumas de suas filosofias distorcidas de vida; é a partir da escravidão de Basini a Törless e seus amigos que o garoto chega à algumas conclusões sobre a sua vida e a sua própria identidade, mas não as que eles esperavam... outras. A dedução de Törless sobre os seus próprios desejos envolviam, irremediavelmente, Basini, de quem “emanava um fluido físico, uma excitação, como quando se dorme ao lado de uma mulher de quem se pode, ao qualquer momento, tirar o cobertor” (Musil, 2019, p. 94). Mais uma vez, o garoto associa a imagem do seu amante à figura feminina. Uma forma de isentá-lo, óbvio, de suas ações degradantes contra o corpo inocente do rapaz.

Depois de cometer o ato proibido, Törless desenvolve um peso na consciência. Ele teme que alguém descubra o seu segredo e pior: que alguém cometa a mesma indiscrição com Basini: “assim, quando, depois da meia noite, ele jazia num sono leve e inquieto, parecia-lhe algumas vezes que alguém se levantava da cama de Reiting ou de Beineberg, pegava o sobretudo e se dirigia até Basini. Depois, saíam juntos do dormitório... Mas também podia não passar de imaginação” (Musil, 2019, p. 95). De forma contraditória, Törless tem medo de que Basini dê a outro o que deu a ele. Ele se sente compelido a ir atrás do rapaz, vigiá-lo para assegurar a sua pureza, a sua índole. O ciúme, nessa situação, é uma demonstração da neurose que domina a mente de Törless, um sintoma da grande obsessão que o domina e é representado pela imagem de Basini.

Em um dos trechos mais chocantes pela escolha das palavras para descrever o momento, Törless descreve como planeja estudar junto a Basini, mas com outras intenções,

era a primeira vez que retomava aquele livro, e imaginara detalhadamente toda a situação: na frente, achava-se Basini; atrás, ele próprio, retendo no olhar, grudando-se nele e penetrando nele. Era assim que pretendia ler: a cada página penetrando mais fundo em Basini. Era assim que tinha que ser; era assim que ele teria de encontrar a verdade, sem soltar as rédeas da vida. A vida viva, complicada, ambígua, cheia de dúvidas... (Musil, 2019, p. 96).

Nessa situação, Törless utiliza a palavra “penetrar” para descrever o ato que realizava com Basini em sua imaginação. Na fantasia de Törless, eles se reuniriam com o pretexto de estudar, mas acabariam tendo relações se-



xuais. Ele descreve: “penetrando mais fundo em Basini” (Musil, 2019, p. 96), como um ato de esclarecimento; um presente epifânico; uma oportunidade de ascensão espiritual. O gozo que compartilhariam era idealizado pelo garoto, que se imagina “retendo no olhar, grudando-se nele” (Musil, 2019, p. 96) para que a experiência seja praticamente profética; indiretamente, dependente do contato íntimo com Basini para sobreviver.

Logo, podemos compreender que Törless sentia um desejo homoerótico por Basini, que foi consumado, dando origem a uma série de questões relacionadas à subjetividade do garoto, que não se permitiu sentir-se reduzido pelo desejo ou por uma ideia de poder que Basini pudesse alimentar sobre os dois, como se fossem assumidos e um dia o rapaz planejasse abandonar tudo para viver esse amor. Isso nunca foi uma hipótese. Se foi alguma coisa, foi o contrário. Törless abandona Basini na primeira oportunidade, virando-lhe as costas para nunca mais — assim como a aparente cura moral a qual o garoto submete a si mesmo em nome da restituição do seu caráter perante a comunidade onde vive.

Max Demian e Sinclair: almas gêmeas predestinadas

Sobre Max Demian e Sinclair, é fácil explicar: Max Demian é um garoto com uma pinta no rosto que aparece nos momentos mais oportunos na vida de Sinclair para salvar o dia. O garoto tem complexo de herói quando liberta Sinclair do jugo do seu *bully*. Mais tarde, eles se reencontram e Max Demian explica para o garoto impressionável sobre a seita da qual participa, na qual se acredita na marca de Caim. Tal sinal vai designar os escolhidos, que poderão dar início ao seu aprendizado alquimista. Após algumas experiências relativamente estranhas de Sinclair com tal figura excêntrica, o garoto se convence de que, sim, ele é especial. Ele decide fazer uma grande reforma moral para tornar-se merecedor do convite para compor o culto.

Ao longo dos anos, Max Demian e Sinclair se envolvem em diálogos enigmáticos que envolvem declarações codificadas, como é o caso a seguir,

— Nunca hás de conseguir nada de tal pessoa! Mas isso não é frequente. Quanto a mim, só conheço uma pessoa que me resiste sempre. “— Quem é? — perguntei rápido. Demian olhou-me contraindo um pouco os olhos, como fazia sempre que refletia intensamente, e voltou logo o rosto para outro lado, sem responder. Apesar da minha viva curiosidade, não me atrevi a repetir a pergunta (Hesse, 2021, p. 112).



Para Demian, Sinclair está se envolvendo em um perigoso e complexo jogo de vontades, que resulta em resistência. Em sua ignorância ou ceticismo, Sinclair encara os enigmas do garoto como mensagens ininteligíveis, de impossível tradução. Quando Demian transmite com clareza as suas vontades imperativas, ele quer a atenção absoluta de Sinclair. Demian deseja que Sinclair preste atenção nele. Para que isso aconteça, Sinclair tem de encontrá-lo no meio do caminho.

Um dos trechos, em que fica mais óbvio que Sinclair está em negação, é quando decide pintar o quadro de uma pessoa indistinta que o atraía e, por coincidência, ele acaba pintando um quadro de Max Demian, com visto no trecho:

[...] a contemplação daquela pintura despertou em mim uma impressão singular. Via-se como um ícone ou máscara sagrada, entre masculina e feminina, sem idade, tão voluntariosa quanto sonhadora, tão rígida quanto secretamente viva. Aquele rosto tinha algo a dizer-me, pertencia-me, indagava algo de mim. E se parecia com alguém que eu não conseguia saber quem era. [...] Certa manhã ao despertar de um desses sonhos, reconheci-o de súbito. Olhava-me de maneira profundamente familiar, como se chamasse pelo nome. Parecia conhecer-me desde sempre, qual mãe. Com o coração palpitante contemplei por longo tempo a pintura, os cabelos morenos e espessos, a boca marcadamente feminina, a fronte senhorio banhada por estranha claridade (reflexo espontâneo que surgiu quando as tintas secaram), e senti que cada instante me aproximava mais do reconhecimento, do reencontro, da identificação vislumbrada. [...] Como pude custar tanto a reconhecê-lo! Era o rosto de Max Demian (Hesse, 2021, p. 157-158).

A surpresa de Sinclair, ao encontrar o rosto de Max Demian na pintura foi um pouco inapropriada. Primeiramente, Sinclair já sabia que ele não estava pintando uma garota. O rosto reproduzido convenientemente se parece com um Demian reflexivo. Como se Sinclair não estivesse obcecado, pensando em Demian, tentando atraí-lo para a sua vibração, tentando fazer com que Demian lesse os seus pensamentos e o ajudasse a ascender. Esse desejo nunca foi visto como imoral porque, afinal, Max Demian era o totem de Sinclair. Ele viveria para conseguir invocá-lo sempre que precisasse, como um gênio da lâmpada. Por isso, o amor nunca iria parecer inadequado ou errado. Os dois precisavam do contato para atingir um propósito maior: a evolução intimista para além da matéria.

Quando conhece a mãe de Demian, Sinclair pensa: “era ela, *a arrogante figura de mulher quase máscula, parecida com o filho, com traços ma-*



ternais, traços de severidade, traços de profunda paixão, bela e atrativa, bela e inacessível, demônio e mãe, destino e amante. Era ela!” (Hesse, 2021, p. 247-248, grifo nosso). Nesse momento, o complexo de Édipo é determinante: Sinclair dedica à mulher o desejo latente que não se sente confortável em oferecer para o seu filho. Eva, entretanto, não fica comovida, pois entende que não é a pessoa a quem esse desejo é direcionado. Para ele, ela promete: “Sinclair, você é uma criança! *Seu destino o ama*. Algum dia lhe pertencerá por completo, como você sonha, *se continuar sendo fiel a ele*” (Hesse, 2021, p. 267). Ou seja, se ele continuar determinado a esperar por Demian, um dia poderiam ficar juntos, como de fato se mostra verdadeiro no final, quando Max Demian entrega o beijo que Sinclair tanto esperava:

— Sinclair! Com os olhos dei-lhe a entender que o ouvia. Sorriu de novo, quase compassivo. — Sinclair, meu caro! — disse sorrindo. Sua boca estava agora muito próxima da minha. Continuou falando em voz baixa. — (...) Eva me disse que, se alguma vez estivesse mal, que eu te desse o beijo que ela te mandou por mim... Fecha os olhos, Sinclair! Obediente, fechei os olhos e senti um leve beijo nos lábios, sobre os quais tinha ainda um pouco de sangue, que não queria estancar. Em seguida, adormeci (Hesse, 2021, p. 307-308).

Utilizando da autoridade da representação da mãe de Max Demian na vida de Sinclair, ele manda um recado de Eva para o garoto e uma ação: um beijo para recobrar a moral do garoto. Exigindo que Sinclair fechasse os olhos, Demian o beijou para simbolizar o seu afeto, para retribuir o carinho que o garoto demonstrava por ele. Mais do que isso, porém, o beijo também foi a perpetração desse amor abnegado que Sinclair sentia por Demian, a ponto de abandonar todas as suas convicções para se unir em um propósito com o seu amado.

Sebastian Flyte e Charles Ryder: mais que amantes, amigos

Sebastian Flyte, o herdeiro sem compromissos da família Flyte, aristocratas de sangue azul, e Charles Ryder, o filho de um burguês viúvo, dividem um apartamento em Oxford e passam a compartilhar experiências conjuntas ao longo do ano de 1922. Sebastian, que é bastante excêntrico para o período, é um dândi sem nenhum propósito e ciente do vazio existencial que o cerca. Para Charles, a presença de Sebastian anuviava a depressão característica que marcava a sua vida, como na seguinte passagem: “com a chegada de Sebastian, aquelas figuras cinzentas pareceram esvanecer silenciosamen-



te na paisagem e sumir” (Waugh, 2017, p. 43), como se apenas a presença do aristocrata fosse o suficiente para dar outros contornos a sua vida.

Sendo assim, Charles tem consciência de que a vida poderia ser bem diferente por causa da ausência de Sebastian, como em

muito antes de ficar amigo de Sebastian, eu já o conhecia de vista. Isso era inevitável, uma vez que, desde sua primeira semana em Oxford, era o aluno mais exuberante de sua turma, *por causa da beleza (fora de série) e das excentricidades (aparentemente sem limites)*” (Waugh, 2017, p. 44).

Então, antes mesmo de eles terem uma relação direta e estabelecida, Charles já tinha conhecimento sobre as peculiaridades de Sebastian e as admirava em silêncio, de longe. Aparentemente já sem um filtro, Charles retoma ao tópico da beleza de Sebastian para enfatizar “ele era arrebatador, com aquela beleza andrógina que na extrema juventude clama pelo amor e fenece ao primeiro vento frio” (Hesse, 2021, p. 47). As declarações são poéticas e sensíveis, motivadas por sentimentos verdadeiros.

Ao longo do romance, eles trocam mensagens emotivas por meio de cartas em que desabafam sobre a saudade, “breve partirei para Veneza, para ficar com papai em seu palácio do pecado. *Queria que você voltasse. Queria que estivesse aqui. (...) Com amor ou o que mais você quiser, ‘S’*” (Waugh, 2017, p. 92) e presente em “solidão. *Sentia falta de Sebastian*” (Waugh, 2017, p. 290). Eles não medem esforços para declarar o quanto sentem a falta um do outro, ao ponto de um dos personagens comentar sobre eles: “quando vocês entraram, pensamos que fossem *bichas*” (Waugh, 2017, p. 140). Eles são próximos a esse nível de dependência e não se importam com o estigma, pois são intocáveis pelo poder simbólico do dinheiro.

Nesse íterim, é relevante observar que Sebastian e Charles não sofrem nenhum tipo de represália pela narrativa em razão desse desejo que não conseguem cessar de sentir um pelo outro, como visto em “acho que você tem muito carinho por Sebastian. Conheço essas amizades românticas dos ingleses e dos alemães. Não é coisa de latinos. Acho que são muito boas, quando não se arrastam por muito tempo” (Waugh, 2017, p. 123). Pelo contrário, tais sentimentos são estimulados a existirem, levando-se em consideração de que é um relacionamento que preserva as estruturas hierárquicas em que a nossa sociedade é dividida. O carinho entre dois homens não pode ser impedido, desde que não haja algum tipo de consumo físico e carnal de tais afetos.

Em outro momento, definem novamente os sentimentos que um sente pelo outro como “uma espécie de amor que surge nas crianças antes



que elas entendam o seu significado. Na Inglaterra, aparece quando vocês já são quase homens; acho que gosto disso. É melhor sentir essa espécie de amor por outro rapaz do que por uma moça” (Waugh, 2017, p. 124). Por que esses sentimentos homoafetivos entre homens eram estimulados entre aristocratas daquele período? Por que há essa distinção entre sentimentos dedicados à mulheres e homens? Por que um homem não pode amar verdadeiramente uma mulher, transmitindo a ela sentimentos que já nutre por seu melhor amigo masculino? Compreendemos que a sociedade apoia a crença de que apenas um homem pode compreender o íntimo de outro homem.

Há um desejo tangível ao longo de toda a narrativa para que esses dois se tornem próximos em definitivo, mas eles se afastam. Como Sinclair e Eva, Charles acaba por se relacionar com a figura feminina mais próxima de Sebastian, que é a sua irmã, Julia, considerada a Sebastian de saias: “ela estava ao volante de um carro conversível. Eu a reconheci logo de cara, não havia como errar. ‘Senhor Ryder? Pule para dentro.’ *Sua voz era a de Sebastian e dele era o seu modo de falar*” (Waugh, 2017, p. 93). Desse modo, é notório que Julia era tão parecida com Sebastian, até mesmo no seu comportamento excêntrico. É a partir do seu relacionamento platônico com Julia que Charles, inevitavelmente, se afasta de Sebastian, porque ela, de certo modo, supre as suas necessidades quanto à dependência dessa amizade. Como Julia é muito parecida com o irmão, Charles acaba utilizando essa semelhança a seu favor, aproximando-se dela em definitivo. Essa distância entre os dois destrói com a sua amizade de forma irreparável e Sebastian nunca consegue se recuperar da decepção.

Considerações Finais

Pontuamos que as obras apresentam representações de homoafetividade característica de um período conservador e retrógrado, mas que cada uma delas possui um nível de intensidade para com o erotismo inserido no texto, sendo a mais antiga, *O Jovem Törless* (1906), a mais violenta e explícita das três em sua representação de uma masculinidade tóxica e violenta desde tenra idade. O amor entre homens, simbolizado por uma relação de confiança e confidência, é o que domina o ritmo do enredo das obras aqui selecionadas, sem necessariamente envolver relações sexuais explícitas, não sendo isto aqui considerado positivo ou negativo, mas apenas uma observação sobre a construção das obras.



Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. *In*: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 55-73.

HESSE, Hermann. **Demian**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

GOMES, Renata Nascimento. BALESTERO, Gabriela Soares. ROSA, Luana Cristina de Faria. Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória. **Libertas**, v. 2, n. 1, p. 12-33, jan./jun. 2016.

MUSIL, Robert. **O Jovem Törless**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SILVA, Alessandra Maria Cardoso da. PRIOSTE, Cláudia dias. Masculinidades e Psicanálise: uma revisão de literatura. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 6, e. 5, v. 1, p. 55-79, maio 2021.

SOUZA, Warley Matias. **Literatura homoerótica**. Joinville: Clube de Autores, 2020.

WAUGH, Evelyn. **Retorno a Brideshead**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

